A Mulher e a Inclusão Social

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio[1]

Março é marcado pela comemoração do Dia Internacional da Mulher. Conquistas e lutas a parte, é também o tempo para se repensar o avanço das mulheres na vida social. Um dos aspectos mais significativos desse avanço é a presença maciça de mulheres à frente de organizações não-governamentais (ONGs) e do trabalho voluntário. No caso brasileiro, as mulheres são maioria absoluta entre os voluntários.

Quando se fala de trabalho social estamos acostumados a pensar em instituições filantrópicas, marcadas pelo caráter assistencialista de suas práticas e pelo carinho que transborda da própria forma como essas mulheres tratam daqueles que são assistidos.

Mas uma nova forma de trabalho voluntário feminino também tem ganhado muito espaço no Brasil. São executivas de grandes empresas que se dedicam a apoiar ONGs, emprestando seu talento gerencial para diferentes tarefas que desafiam essas instituições.

Minha experiência mostra que quando se indaga às pessoas sobre a posição das mulheres no mercado de trabalho, parcela significativa afirma que o sexo feminino alcançou igualdade de condições com os homens. Tenho ouvido com freqüência que as mulheres, quando chegam ao poder, são mais produtivas e dedicadas que os homens.

Superestimar as qualidades das mulheres no trabalho não passa de uma forma invertida de dar vazão ao preconceito. Conhecemos bem essa realidade quando pensamos nos negros que alcançaram posições de destaque em nossa sociedade. Quantas vezes o brasileiro não se cansa de dizer que Pelé é extraordinário.

Junto com essa verdadeira mitificação da mulher no mercado de trabalho, aparecem objeções ao que muitos imaginam ser um desvio da boa postura feminina: mulheres que são duras e severas nas decisões, focadas excessivamente no trabalho e que se distanciando da imagem doce que o imaginário machista criou em torno delas. Ainda assim, essas mulheres "duras na queda" continuam exercendo atividades voluntárias e encontrando um espaço semanal na apertada jornada de trabalho. Algo na vida dessas mulheres executivas acaba ficando para trás, pois conciliar extensas jornadas de trabalho com trabalho doméstico e atividade voluntária não é o que poderíamos chamar de uma tarefa simples.

No entanto, se a vida das executivas não é exatamente um bom exemplo para se comemorar as conquistas femininas, o cotidiano das mulheres pobres vem reforçar a idéia de que muito ainda se tem para avançar na igualdade entre sexos.

Uma realidade mais dura diz respeito à vida das mulheres com empregos precários e desempregadas. Para elas só resta a alternativa do trabalho voluntário. Antes de uma opção, como no caso das executivas, é uma das poucas chances de sobreviver à dura realidade colocada pela exclusão social e econômica. Cooperativas de trabalhadoras, ONGs e projetos sócio liderados por mulheres se multiplicam onde se faz pouco pelos pobres.

Essas mulheres têm realizado uma revolução silenciosa e muito mais efetiva para a igualdade entre sexos do que o trabalho das executivas. Geralmente, são elas as chefes do que de uma "família ampliada" e cuidam do orçamento doméstico com muito mais competência do que os homens, que passaram por suas vidas e as abandonaram. Para quem duvida disso, é importante conhecer a experiência dos bancos populares na Índia.

---

[1] teodosio@pobox.com / www.teodosio.xpg.com.br / www.armindoteodosio.blogspot.com.

Todas essas histórias fazem parte da luta da mulher por um lugar igualitário. Diante dos avanços do sexo feminino, hoje parece difícil acreditar que a mulher, há menos de cem anos atrás, não tinha direito ao voto em vários países. Tomara que em um futuro não tão distante tenhamos dificuldade em acreditar que para as mulheres pobres de nossa época não bastou ser cidadã, foi preciso escolher a única alternativa disponível para sair da miséria: o trabalho voluntário.

TEODÓSIO, A. S. S. A mulher e a inclusão social. In: **Jornal Hoje em Dia,** Caderno Eu Acredito! Belo Horizonte: Hoje em Dia, 30/03/2006, p. 7.